

**A criação e o tempo em Agostinho:  
Uma análise do livro XI das *Confissões***  
**Creation and time in Augustine:  
An analysis of book XI of the *Confessions***

CARLOS ALBERTO CÁCERES<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste artigo, pretendo fazer uma análise sobre a temática da criação e do tempo na visão de Agostinho, tal qual são expostos no livro XI das *Confissões*. Iremos tratar da criação mostrando as ideias do pensador medieval sobre o tema e a sua polêmica com os maniqueus, na qual responde à questão sobre o que fazia Deus antes de criar. Isso será discutido no capítulo sobre a criação, o qual também conterà uma breve comparação da teoria agostiniana da criação com as outras teorias cosmogônicas existentes na época, a saber, platônicas, neoplatônicas e aristotélicas. No capítulo onde trataremos da questão do tempo, onde mostraremos a intrínseca relação da criatura com o tempo, Agostinho enfatiza o tempo em seu aspecto psicológico discorrendo sobre os problemas do ser, da medição e da percepção do tempo. Agostinho concluirá que o tempo é uma distensão da alma. Deste modo, pretendemos dar uma pequena contribuição ao mostrarmos o quanto Agostinho é importante e atual.

**Palavras-chave:** Santo Agostinho. Filosofia Medieval. Tempo. Criação.

**Abstract:** In this article, I intend to make an analysis on the theme of creation and time in the view of Augustine, as they are exposed in book XI of the *Confessions*. We will deal with the creation showing the ideas of the medieval thinker on the subject and his controversy with the Manicheans, in which he answers the question about what God did before creating. This will be discussed in the chapter on creation, which will also contain a brief comparison of the Augustinian theory of creation with the other cosmogonic theories existing at the time, namely Platonic, Neoplatonic and Aristotelian. In the chapter where we will deal with the question of time, where we will show the creature's intrinsic relationship with time, Augustine emphasizes time in its psychological aspect, talking about the problems of being, measuring and perceiving time. Augustine will conclude that time is a strain on the soul. In this way, we intend to make a small contribution by showing how important and current Augustine is.

**Keywords:** Saint Augustine. Medieval Philosophy. Time. Creation.

## Introdução

O objetivo deste artigo é discutir a teoria da criação e a teoria do tempo de Santo Agostinho. Farei isso a partir de uma análise do livro XI das *Confissões*. De tal modo não farei uma discussão exaustiva e completa dessas teorias, mas tratarei

---

<sup>1</sup> Possui Graduação em Filosofia pela Universidade Estadual do Norte do Paraná UENP, Centro de Ciências Humanas e da Educação (CCHE/CJ) campus Jacarezinho PR. Fez parte dos programas como PIBID, Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica PICV, Programa Residência Pedagógica todos pela CAPES. Atualmente é pesquisador na área da Filosofia Antiga, Metafísica e estudos sobre o tempo. E-mail: carlos\_music82@hotmail.com

mostrar nesse artigo a maneira em que aparecem no célebre livro XI. A divisão dos meus capítulos segue a discussão de Agostinho nas *Confissões*. No primeiro, discuto a teoria da criação, exposta nos parágrafos 1 a 13. No segundo discuto a teoria do tempo, exposta nos parágrafos 14 a 31. Abaixo apresentarei um resumo de cada um dos capítulos tornando mais claro os meus objetivos.

A metafísica agostiniana deu outros rumos à ontologia e gnosiologia, pelo fato de Agostinho construir uma visão cristã do universo, levando em conta suas bases no platonismo. Agostinho é bastante estudado no meio acadêmico e possui várias contribuições para o legado filosófico. Segundo Etienne Gilson: “A cada passo, o historiador do pensamento medieval reencontra Agostinho, igualmente como Aristóteles; toda doutrina medieval invoca-lhes a autoridade para se estabelecer ou para se confirmar” (GILSON, 2006, p.11).

Dadas essas informações apresento um resumo dos meus capítulos para maior esclarecimento dos objetivos desse artigo. No primeiro capítulo trataremos da criação, *creatio ex nihilo*, criar a partir do nada. Agostinho desenvolve sua exposição em resposta aos maniqueus, que sempre questionavam “o que fazia Deus antes de criar o céu e a terra”. Isso, como veremos, coloca a prova à imutabilidade de Deus, questionando se houve algo novo em Deus, ou seja, algum movimento que o fez criar.

Os maniqueus também questionavam se Deus sendo eterno então por que quis criar o mundo, e se criou estando ele dentro da eternidade por que então nós não partilhamos da sua substância eterna? Em resposta aos maniqueus Agostinho, partindo do livro bíblico do Gênesis, o qual narra que no princípio Deus criou os céus e a terra, irá nos esclarecer o sentido de *princípio* na criação céu e terra. Argumentará que tudo que se movimenta na realidade necessita de algo para fundamentar sua existência. Discorrerá sobre como, a partir do nada, Deus cria, ou seja, o que Deus usa para criar, que instrumento foi usado para a criação. De tal modo, Agostinho vai dando forma ao termo *ex nihilo*. Também iremos fazer menção às outras teorias da criação existentes na época, teorias idealistas, realista e emanentista. Faremos uma comparação de Deus com um artesão humano, mostrando que Deus não é um simples artesão pelo fato de que o artesão humano já tem a matéria dada, similar a um demiurgo que trabalha com uma matéria pré-existente.

Ao criar, Deus cria também o espaço e o tempo, levando-nos a entender que ambos também são criaturas. Agostinho em sua investigação nos mostra que Deus cria todas as coisas através das suas palavras, palavras essas que não são transitórias e sim palavras que ecoam na eternidade, o verbo criador.

Sendo os maniqueístas dualistas, supondo a eternidade da matéria, questionam o que Deus fazia antes de criar. Criando, ele se movimentou, porém

como o imutável pode se alterar? Se o fizer deixaria de ser perfeito e esse estado alteraria a sua onipotência? Agostinho quer preservar a imutabilidade de Deus, e argumenta que desde sempre a vontade de criar já estaria nele. Mas isso nos faz voltar à questão: por que então, se a vontade sempre esteve com ele, o mundo não é eterno? Nosso Santo Doutor quer manter a imutabilidade divina e a temporalidade da matéria e para isso Agostinho nos mostra que é incabível tentar buscar uma causa da própria causa. Pelo fato de Deus ser a causa de si mesmo, não teve origem e não foi causado, seria implausível nos arremeter a Deus no sentido temporal, pelo fato de que o tempo também não exista. O termo “antes” não existe na eternidade, o tempo não existia antes da criação, assim como o céu e a terra e também o próprio espaço.

Portanto o mundo não foi feito no tempo, mas junto com o tempo, e só dentro do tempo faz sentido os termos “antes” e “depois”. Diferente da eternidade, em que Deus está em uma exterioridade em relação ao tempo. Então perguntar o que Deus fazia antes seria contraditório pelo fato de antes nos arremeter ao passado sendo que Deus não está no tempo. Agostinho quer pôr fim nessa questão pelo fato de Deus estar em um eterno presente inalterável e a criação estar imersa na temporalidade. Passado, presente e futuro estão todos ligados a uma sucessão de instantes.

No capítulo onde trataremos da teoria do tempo. Partiremos da investigação de se podemos realmente investigar o tempo, fazendo uma separação do tempo cotidiano, ou seja, aquele tempo do calendário e do relógio e o tempo da alma. Agostinho chama tempo àquele que necessariamente passa pela nossa percepção. Antes de chegar à conclusão de que o tempo está somente na nossa percepção, nosso filósofo faz uma análise da medição do tempo. Podemos, no fim das contas, medir o tempo? No senso comum temos a noção de passado, presente e futuro e é através delas que fazemos nossas divisões e medidas. Porém, podemos mesmo dividir o tempo dessa forma? Agostinho resolve essa questão já nos chocando pelo fato de concluir que essas três divisões não existem em si mesmas, não passam de uma mera representação do tempo no mundo.

Quando Agostinho chega à questão do tempo da alma, ele nos mostra que esses três tempos podem sim ser medidos, mas para fazer essa análise mais profundamente, o filósofo nos mostrará que o tempo não é o movimento dos corpos. O movimento dos astros não influencia o tempo. Nosso Santo Doutor ilustra suas ideias com uma passagem bíblica para nos mostrar que esse movimento não interfere no tempo. Passagem essa que está no livro de Josué<sup>2</sup>, na famosa batalha onde Josué através de uma oração, faz com que Deus pare o sol para que a batalha prossiga. Assim, Agostinho nos mostrará que o tempo não é o movimento dos corpos.

---

<sup>2</sup> (Js,10 ,13)

Nosso Santo Doutor irá nos mostrar que o tempo é uma distensão da alma e que passado, presente e futuro estão em nossas mentes. Em si mesmos, o passado não existe mais, o futuro ainda não chegou, e o presente não pode ser apreendido pois passa muito rapidamente. Agostinho nos mostra, porém, que podemos fazer essa medição na nossa mente, partindo da ideia de que se eu penso em algo passado estou trazendo uma memória para o tempo presente, também no caso do futuro ao fazermos uma deliberação ou prognóstico trazemos ele para o nosso presente. Portanto podemos medir o tempo em nossas mentes, e as três divisões de tempo ficarão assim, passado presentificado, presente presentificado e futuro presentificado.

### **A teoria agostiniana da criação:**

#### **Exposição da teoria**

A discussão sobre a criação e o tempo, presente no Livro XI das *Confissões*, toma como base o livro do Gênesis, no qual se narra que no princípio Deus criou todas as coisas: “Concedei-me que eu ouça e compreenda como “No princípio criastes o céu e a terra”” (CONFISSÕES, XI, 3, 5). Agostinho conduz a discussão, nesta primeira parte do Livro XI, esclarecendo os conceitos de “Princípio”, “criação” e “céu e terra”. Mais especificamente, “Céu e terra” no capítulo 4, “Criação” no capítulo 5 e “Princípio” nos capítulos 6 à 9. Iniciemos com algumas considerações sobre o conceito de “Céu e terra”.

No capítulo 4, Agostinho desenvolve o problema considerando óbvia e inegável a presença da realidade. A existência do ser se impõe à consciência. Porém, da obviedade da presença do ser não se segue o fundamento de sua existência. Ao perceber a mudança e o movimento intrínsecos à realidade, o filósofo deriva a sua dependência ontológica. Ou seja, o filósofo é da opinião que o “céu e a terra” dependem de outro ser para existir: “Existimos porque fomos criados. Portanto, não existíamos antes de existir, para que pudéssemos nos criar” (XI,04,06). Agostinho entende que todo ente temporal, inclusive a consciência do pensador, depende ontologicamente de algo que não se movimenta. Portanto, se tudo que se movimenta, todo “céu e terra”, é dependente de algo que não se movimenta, podemos dizer que foram criados. O “céu e terra” possuem existência contingente e devem seu ser a um criador.

A partir do capítulo 5 do Livro XI o Santo Doutor aprofunda aquilo que depois ficou conhecido como criação *ex nihilo*. Criar a partir do nada, ou seja, sem necessitar de nenhuma matéria pré-existente. Mas o que seria, mais especificamente, a *creatio ex nihilo*? Seria como se o próprio Deus em sua criação utilizasse o nada como a matéria prima para o ato da criação: portanto o nada é o ponto de partida para a criação. Como é citado em um trecho das *Confissões*:

Foram feitas por Vós do nada, não, porém da vossa substância ou certa matéria pertencente a outrem ou anterior a Vós, mais da matéria concriada, isto é criada por Vós ao mesmo tempo que elas. (XIII, 33, 48).

Podemos dizer que o Criador produz o ser do mundo sem partir de algum material já existente e tão pouco de uma essência retirada de sua substância. Se analisarmos esse último caso percebemos que se acarreta um problema conceitual, pois se Deus tirou algo de sua substância esse algo se torna finito, submisso às alterações e até as destruições, assim como os corpos. De tal modo poderíamos perguntar: se ele tirou algo de sua substância, que é eterna, para criar as criaturas então por que as criaturas não são eternas? A resposta mais plausível que Agostinho irá encontrar é que Deus não pode se alterar nem para melhor nem para pior pelo fato dele já ser perfeito, inalterável, o termo mais ou menos perfeito já altera o ser.

É interessante pensarmos, mesmo que rapidamente, nas outras teorias cosmogônicas presentes na época de Agostinho. Isto nos serve para compreender melhor a posição agostiniana. Temos, no mínimo, três célebres teorias na época, para explicar o surgimento dos seres no mundo. A teoria platônica concebe o surgimento de seres sensíveis com a participação do Demiurgo, uma espécie de deus ordenador, que transforma e molda uma matéria informe pré-existente. Teorias aristotélicas defendem que o movimento do mundo se dá quando este é atraído pelo primeiro motor. Os seres buscam a perfeição, ou seja, a forma perfeita, pela passagem da potência ao ato, e o ápice da perfeição é o motor imóvel. A matéria pré-existente e informe, ganha forma em seu movimento de atração ao deus aristotélico. Por fim temos a teoria emanentista, nascida com o neoplatonismo. Há nesta teoria uma espécie de junção do idealismo platônico com realismo aristotélico. O Uno, em seu desdobramento, divide a sua bondade com os seres e estes, assim, são parte da substância do Uno. Os seres sensíveis possuem ser e bondade na medida em que participam do Uno.

Dado esse breve panorama das teorias da época vamos esclarecer ainda mais a posição de Agostinho. Consideremos a passagem na qual o filósofo mostra as diferenças entre Deus e um artesão humano: “O artífice impõe a forma à matéria, a qual já existia e já continha, isto é, a terra, ou a pedra, ou a madeira ou ao ouro ou a qualquer coisa material” (XI, 05,07). Pensemos no seguinte: poderá o artífice *criar*? Por exemplo, *criar* a madeira ou a pedra com que fabrica os seus objetos? O artífice estabeleceria uma relação causal com sua obra, da mesma forma que Deus com o cosmo?<sup>3</sup> Não estabeleceria, pelo fato de que as matérias que o artesão humano utiliza para fabricar suas obras, segundo Agostinho, já seriam criadas por Deus. No

---

<sup>3</sup> Na relação causal entre pais e filhos temos um perfeito exemplo de geração, já que existe um compartilhamento substancial entre os pais e seu filho, Já na relação causal entre o escultor e sua escultura temos um caso típico de proceder, pois o artista utiliza-se de uma matéria prima que não é de sua substância para impor-lhe a forma por ele pensada. (COSTA, 2010, p.144).

ato criador Deus faz uso de uma matéria prima retirada do nada. Não há uma matéria preexistente gerada independente de Deus. Com sua onipotência, Deus teria criado o mundo não de uma matéria já preexistente, muito menos por emanção. O criador não é como o demiurgo platônico, que trabalha sobre uma matéria eterna, que já estaria dada. Por isso podemos dizer que o criar humano não é um criar em sentido estrito. O artesão humano não é capaz de produzir uma matéria prima para criar suas obras. De acordo com Etienne Gilson:

O que o ato criador significa é, portanto, a produção do ser daquilo que é, e essa produção é possível unicamente para Deus, por que somente ele é o ser: *quid enim est, nisi quia tu es* [O que é, mas porque você é]. Assim sem qualquer matéria preexistente, Deus quis que as coisas fossem e elas foram; isso é precisamente o que se denomina criar *ex nihilo*. (GILSON, 2006, p. 358).

Além do mais, o próprio espaço no qual os seres foram criados (e também o tempo, como veremos) é também uma criatura. De acordo com Agostinho:

Como fizestes, meu Deus, o céu e a terra? Sem dúvida, não fizeste o céu e a terra no céu ou na terra, nem no ar ou nas águas, porque também esses foram criados. Nem criastes o Universo no Universo, porque, antes de o criardes, não havia espaço onde pudesse existir. (XI, 05,07)

Agostinho, caminhando na investigação, questiona quais seriam então as ferramentas, digamos assim, que Deus usou para criar. Deus estaria sozinho, no nada, então, de que modo criou? Agostinho conclui que Deus ao falar criou a realidade, ou seja, os seres foram criados pela palavra divina. Porém, a palavra de Deus não é algo simples de se entender, não é como uma mera palavra transitória que se perde ao vento. A sua voz ecoa no silêncio, soa na eternidade, por isso podemos dizer que não foram com palavras transitórias que Deus criou, essas palavras ecoam e tem fim. Um exemplo para essa questão é dado por Agostinho:

Mas como é que falastes? Porventura do mesmo modo como quando se ouviu dentre as nuvens a voz que dizia: “Este é o meu filho predileto”?<sup>4</sup> (XI, 06, 08)

Ao falar entre as nuvens, como dito na passagem bíblica citada por Agostinho, não foi a voz divina que falou e sim uma voz intermediada, como se fosse uma criatura ao serviço do criador pronunciando aquelas palavras. Isso porque, ao falar aquela voz sumiu, sílaba após sílaba foi desaparecendo até chegar o silêncio. Se no caso fosse o próprio Deus a falar sua voz estaria soando até hoje na eternidade. A palavra, o Verbo divino, é pronunciado eternamente. Segundo Agostinho:

---

<sup>4</sup> Mt 03,17,5

Assim nos convidais a compreender o Verbo, [...] o qual é pronunciado por toda a eternidade e no qual tudo é pronunciado eternamente. Nunca se acaba o que estava sendo pronunciado nem se diz outra coisa para dar lugar a que tudo se possa dizer, mas tudo se diz simultânea e eternamente. Se assim não fosse já haveria tempo e mudança, e não verdadeira eternidade e verdadeira imortalidade. [...] Sabemos que uma coisa morre e nasce, consoante deixa de ser o que era e passa a ser o que não era. No vosso Verbo, porém, nada desaparece, nada se substitui, porque é verdadeiramente eterno e imortal. Por isso, ao Verbo que é coeterno convosco, dizeis, ao mesmo tempo e eternamente, tudo o que dizeis. E tudo o que dizeis que se faça realiza-se! Para Vós não há diferença nenhuma entre o dizer e o criar. (CONFISSÕES, XI, 7, 9)

De tal modo, o mundo não é coeterno com Deus, mas a palavra é coeterna e não está sujeita ao tempo: Portanto, concluímos que, segundo Agostinho, Deus falou e os seres foram criados. “Vós os criastes pela vossa palavra!” (XI,05,07). O sentido de *princípio*, no qual Agostinho se refere ao falar da criação, é primeiramente o verbo, ou seja, a palavra de Deus. Nesse contexto, porém, é também entendido de duas outras formas: como princípio no sentido temporal, onde se inicia o tempo e no sentido grego de *Arché*, onde podemos entender que o verbo é como se fosse a substância do mundo, aquilo que explica a existência das coisas, e mais do que isso, aquilo que deu o ser aos entes e sustenta o mundo<sup>5</sup>. Dada essa exposição da teoria da criação agostiniana, passemos à principal objeção maniqueísta à teoria.

36

### **Objeção e resposta: O que fazia Deus antes de criar?**

Iniciemos este tópico falando da transição de Agostinho do maniqueísmo para o cristianismo. Quando era discípulo de Mani, Agostinho adotou um materialismo radical. Segundo a doutrina maniqueísta, Deus é luz, uma luz tênue, uma substância corpórea. Deus, sendo luz, tudo que participa dessa luz faz parte de Deus. Os adeptos de Mani defendiam um dualismo, o bem (Deus) e o mal (a matéria) ambos sendo infinitos. Assim, podemos dizer que para os maniqueístas o mundo e a matéria são eternos, professando assim uma visão panteísta e materialista diferente da tradição judaico-cristã. Os discípulos de Mani não só não aceitavam o relato da criação genesíaco, mas rejeitavam todo o Velho Testamento, só aceitando o Novo Testamento. Segundo Costa:

Para os maniqueus, as duas Escrituras tinham autores diversos: enquanto o Novo Testamento tinha por autor o senhor Deus pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, o antigo Testamento era obra de satanás,

---

<sup>5</sup> Sobre a Palavra ou o Verbo, como instrumento usado por Deus na criação, Cf. tb. (De Trin., VI, 10,11); (De lib. Arb., II, 16, 41-44); (De civ. Dei., 21) e o (De nat. Boni,26), onde diz: “Deus fez, não de coisas que já existiam, mais sim daquilo que em absoluto não existia ou seja, do nada, as coisas que não gerou de si, mas que fez pelo Verbo” (cf. COSTA, 2010, p 151).

o príncipe das trevas. Mesmo o Novo Testamento os maniqueus não concordavam em sua integridade, pois rejeitavam todas as porções que faziam menção ao nascimento de Jesus através de Maria, como de sua morte na cruz, já que defendiam que Cristo foi uma emanção do Pai, sendo, portanto, imaterial. (COSTA, 2003, p.76).

Quanto a este período de sua vida, assim considerava o próprio Agostinho:

Mas, que fruto tirava daqui, Senhor, meu Deus – Suprema verdade -, se Vos concebia como um corpo luminoso e imenso e me considerava como uma parcela desse corpo? (IV, 16, 31.)

Os adeptos de Mani, em contraposição à visão agostiniana da *creatio ex nihilo*, elaboram um problema no qual se questiona a criação a partir do nada. A problemática se dá principalmente pelo fato de os Maniqueus tomarem como absurda a criação temporal do Gênesis. Aos olhos do Judaísmo o mundo é uma criatura, podemos dizer que segundo os judeus o mundo tem uma história inicial. Os Maniqueus não concordam com isso. Agostinho formula essa questão maniqueísta do seguinte modo:

Se no mesmo princípio fez Deus o céu e a terra, que fazia Deus antes de criar o céu e a terra? Que foi que o fez repentinamente mudar de ideia e fazer o que nunca tinha feito antes nos tempos eternos? (De Gen. Contra man. 1, 2, 3).

37

Nas *Confissões* a questão é colocada do seguinte modo:

Se existiu em Deus um novo movimento, uma vontade nova para dar o ser a criaturas que nunca antes criara, como pode haver verdadeira eternidade, se n'Ele aparece uma vontade que antes não existia? (XI, 10, 12).

O que está em questão, dessa forma, é o atributo da imutabilidade divina. Vamos pensar do seguinte modo: se Deus estava ocioso, sem nada criar, o surgimento de uma vontade de criar e a posterior criação não alteram a sua natureza imutável? Deus não teria se alterado de um estado no qual não queria criar, para um estado no qual quis criar? Como pode haver algo novo em Deus sendo ele imutável? O que fez Deus mudar de ideia? Em um primeiro momento Agostinho, ironicamente, fala que Deus preparava o inferno para aqueles que fazem esse tipo pergunta. Porém, de forma mais séria, dá uma resposta mais conveniente aos maniqueus. Inicialmente a resposta que ele encontra a essas perguntas é “não sei”:

Não darei essa resposta [que Deus faz o inferno]. Gosto mais de responder: não sei - quando de fato não sei - do que apresentar aquela solução, dando motivo a que se escarneça do que propôs a dificuldade e se louve aquele que respondeu coisas falsas. (XI, 12,14).

Essa resposta seria uma forma de não fazer rodeios, ou seja, usar falácias ao redor do problema. Agostinho nos mostra humildade ao tratar desse fato. Porém ele avança com respostas mais substantivas do que um mero “não sei”. A primeira tentativa filosófica de solução deste problema é dizer que a vontade de criar já faz parte da substância divina. Isso preservaria a imutabilidade, pois desde sempre a vontade de criar já estaria presente nele. Porém, se respondermos desse modo, surgiria outra questão: por que a matéria não é coeterna com Deus? Se Deus desde sempre quis criar, e, supondo o atributo da onipotência, por qual motivo a criação não é também eterna? Ou a criação compartilha o atributo da eternidade junto com Deus?

Agostinho quer manter a imutabilidade divina e também a temporalidade da matéria. O filósofo tem, de tal modo, um dilema e trata dessa problemática por vários caminhos. Agostinho diz que a vontade de Deus não é uma criatura. Deus é imutável e não está sujeito a qualquer mudança. Na eternidade não há nem antes e nem depois. De tal modo, se os maniqueus falam de uma vontade que nele *antes* não existia, devemos concluir que a palavra “antes” não está sendo utilizada de forma correta neste contexto, pois Deus é um ser eterno. Como o próprio Agostinho cita em sua obra:

E o vosso dia não se repete de modo que possa chamar-se cotidiano, mas é um perpetuo “hoje”. Não se afasta do amanhã, nem sucede ao “ontem”. O vosso hoje é eternidade (...). Criastes todos os tempos e existis antes de todos os tempos. (XI, 13, 16)

38

Além do fato da má utilização da linguagem, pois não há um “antes” na eternidade, o Doutor de Hipona defende que a vontade de Deus seria a causa última da presença da realidade. Segundo ele:

Ao que pergunta por que fez Deus o céu e a terra, direi; por que quis. A vontade de Deus é a causa da existência do céu e da terra, e por isto a vontade de Deus é maior que o céu e a terra. Portanto, o que interroga o porquê quis Deus fazer o céu e a terra, busca uma causa maior que a vontade de Deus, e eu digo que nada maior se pode encontrar. Reprima, pois, a temeridade humana sua insensatez e não busque aquilo que não existe. (De Gen. Contra man., I, 3,5).

Agostinho quer dizer que é incabível tentar buscar por algo que não existe, no caso a causa antes da causa primeira. Se formos buscar uma causa anterior à criação do universo essa busca é inconsistente sendo que o próprio Deus é a causa de tudo. Não devemos buscar uma causa da vontade divina, pelo fato dele ser a causa em si mesmo, a causa de tudo, uma causa primeira onde não teve origem e não foi causada. Portanto não há uma causa anterior, Ele é a causa em si mesmo.

Quanto à coeternidade do mundo com Deus Agostinho nos diz:

O mundo não é coeterno com Deus, por que este mundo não é da mesma eternidade que Deus; o mundo certamente o fez Deus, e deste modo, com a mesma criatura que Deus criou, começaram a existir os tempos. [...] não são eternos os tempos como Deus é eterno; por que Deus, criador dos tempos existe antes dos tempos (De Gen. Contra man., l, 2, 4).

Agostinho leva em conta o princípio da criação, “in principio creavit Deus coelum et terram” (Gn 1,1). Há várias formas de compreensão deste princípio e a Escritura (na qual Agostinho também se baseia) se refere à criação de todas as coisas. Haveria um tempo anterior à criação? Como esclarece o filósofo Gilson: “Ora, dado que o tempo é mudança por definição, ele também é uma criatura. Houve, portanto, um começo e, por consequências, nem as coisas que duram nem o tempo são eternos” (GILSON, 2006, p,360).

Como já dissemos acima, a *Creatio ex nihilo* não é a origem de um estado físico partindo de outro. Deus, o ser Criador, produz totalmente o mundo sem precisar de uma matéria preexistente, tão pouco de alguma substância emanada de sua essência, e sim do não ser absoluto. Isso nos mostra que a matéria de que o cosmos é feito e, inclusive, o próprio tempo, não são eternos. Isso se opõe à visão dos Maniqueus, segundo a qual os seres emanados são da mesma substância que o divino e compartilham com ele a eternidade. Como é sabido isso é contrário ao pensamento teísta no qual a criatura não compartilha a mesma essência ou substância que o criador.

Segundo nosso Santo Doutor, o mundo não pode fazer parte da substância divina, por que se fossemos da mesma substância de Deus também seríamos seres divinos. Isso, por sua vez, faria Deus submisso à mudança, nos tornando iguais ou até mesmo maiores que Ele. Preserva-se a imutabilidade pelo fato de que eterno mesmo é somente Deus. Somente ele não está sujeito a qualquer mudança. Para Deus não há nem antes nem depois, pois ele é, e por isso a sua substância não se altera.

O tempo, de tal modo, foi criado junto com as criaturas. Percebam que sendo Deus o criador de tudo seria implausível imaginar o antes de criar o mundo ou até mesmo um momento qualquer anterior. Isso seria contraditório, pois “antes” e “momento” são conceitos temporais. Como o próprio Agostinho diz:

Efetivamente fostes Vós que criastes esse mesmo tempo, nem ele podia decorrer antes de o criardes! Porém, se antes da criação do céu e da terra não havia tempo, para que perguntar o que fazeis, então? (XII, 13, 15).

Vamos esclarecer melhor. O tempo já existia ou não existia no momento que Deus criou a realidade? Parece complexo respondermos essa questão, pois de que modo nós, seres imersos na temporalidade, poderíamos presenciar a eternidade?

Usando um exemplo, seria o mesmo que um relógio olhar para o seu próprio ponteiro, pois como posso eu falar do eterno sendo que sou um ser finito e limitado. Estamos imersos na temporalidade e a princípio não podemos falar da temporalidade estando dentro dela, posto que a reflexão sobre qualquer coisa pressupõe uma certa exterioridade um certo recuo de observação que nós não podemos fazer. Agostinho chega à conclusão de que só o eterno pode saber exatamente o que é o temporal, pois não posso saber pelo fato de eu ser o próprio temporal, como diz o filósofo Gilson: (...) “o conceito de criatura eterna é impossível e contraditório, pois ele supõe a atribuição de um modo de duração homogêneo e modos de ser heterogêneos” (GILSON, 2006, p.364). Ou seja, somos fadados a lei do devir até mesmo o nosso pensamento por estar submetido a mudanças, e uma representação do Ser permanente seria impossível. Segundo Agostinho:

Se cremos que no princípio do tempo fez Deus o céu e a terra, também devemos entender que antes do princípio do tempo não existiu tempo. Deus criou o tempo e, por conseguinte, antes de criar o tempo não existia tempo. E não podemos dizer que existia algum tempo, quando Deus ainda não o havia criado; pois, de que modo existia o tempo que Deus ainda não tinha criado, sendo ele Criador de todos os tempos? E se o tempo começou a existir no mesmo momento que o céu e a terra, não podemos de modo algum encontrar o tempo antes de haver criado o céu e a terra (De Gen. Contra man., I, 2, 3).

40

Portanto podemos concluir que o mundo não foi feito no tempo, mas junto com o tempo. O que se faz no tempo se faz em um antes ou depois temporal. Deus não poderia ter criado antes do tempo, pois aí existiria mudança na eternidade, o que é contraditório. Como poderia haver passado se antes não existia tempo algum? Todo ser é criado no movimento, assim o próprio tempo foi criado com o mundo. O tempo é a mudança por definição. Podemos dizer então que o tempo, assim como todos os outros seres criados, também é uma criatura. Se formos analisar qual agente é o causador do início do tempo é claro que Agostinho irá falar de Deus. Quanto as condições para que exista o tempo a resposta de Agostinho seria mudança e o movimento, afirmando assim que o tempo fora criado junto com as criaturas.

Ao concluir essa questão Agostinho quer pôr fim à discussão de um tempo anterior à existência do mundo e do momento exato da criação, pois o único que pode saber o que é o presente em si mesmo é Deus. Isso por que ele está imerso na eternidade, na qual se tem um constante presente inalterável. Agostinho consegue manter a imutabilidade divina e a temporalidade das criaturas. Podemos dizer que o próprio tempo seria a sucessão de vários instantes, pelo fato de ser uma criatura, o passado, presente e o futuro estão todos ligados. Seria correto dizer que o tempo é

um vestígio de eternidade, porém em devir. Aprofundaremos a discussão do tempo em si mesmo no capítulo seguinte.

## **A teoria agostiniana do tempo**

### **O ser e a medição do tempo**

A reflexão filosófica realizada por Agostinho sobre o tempo é uma das análises mais brilhantes e uma das mais discutidas até os dias de hoje. Embora Santo Agostinho seja um filósofo medieval, sua explicação acerca do tempo é atual como reconhecem, dentre outros, Pedro Duhem em sua grande obra “O sistema do mundo”.

Nos dias de hoje nós usamos várias citações populares no nosso cotidiano relacionadas ao tempo: como gastar o tempo, o tempo passa, tempo é dinheiro, entre outras. Nos dias de hoje, nos quais tudo passa tão rapidamente, ou seja, “não temos tempo para nada”, como poderíamos investigar o tempo? Além das frases cotidianas temos também várias representações do que seja o tempo, ou podemos dizer, vários recursos que geram uma projeção do que seria o tempo, tais como relógios ou calendários. Porém, apesar dessa enorme presença em nossa forma de vida humana, como explicar de forma clara e precisa o que seja o tempo? Agostinho começa a investigação com a famosa passagem:

Que é, pois, o tempo? Quem poderá explicá-lo clara e brevemente? Quem o poderá apreender, mesmo só com o pensamento, para depois nos traduzir por palavras o seu conceito? E que assunto mais familiar e mais batido nas nossas conversas do que o tempo? Quando dele falamos, compreendemos o que dizemos. Compreendemos também o que nos dizem quando dele nos falam. O que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém me perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei. (XI, 14, 17)

Falamos sobre o tempo, mas compreendemos sobre o que estamos falando? Em relação à passagem do passado e do futuro nós podemos até tentar explicar a partir de uma visão de senso comum, mas mesmo assim não será algo simples. O próprio Agostinho expressa, como vimos, a dificuldade de explicar o que é o tempo: parece que o compreendemos, mas ao chegar alguém para me perguntar sobre, não saberei expor as consequências lógicas e conceituais daquilo que eu mesmo parecia saber.

Nosso Santo Doutor já de início se depara com dificuldades no estudo do tempo<sup>6</sup>. Ele nos escapa a todo instante e, ao menos inicialmente, não conseguimos medi-lo e percebê-lo em si mesmo. Agostinho inicia a análise com a tripartição comum. A percepção que nós temos do tempo nos permite dividi-lo em três partes: passado, presente e futuro. Usamos essa divisão constantemente. Em um primeiro momento podemos entender o passado como aquilo que já se afastou de nós, já se foi; o presente o chamamos de “agora” e é o tempo em que as coisas nos acontecem no momento que estão ocorrendo; o futuro é o conjunto de eventos que se realizarão na medida em que o tempo vai passando. Um primeiro problema tratado por Agostinho, e que pode nos soar chocante, é a possível inexistência dessas coisas: o passado é algo que existiu, no entanto já não é mais; o próprio presente é algo que passa para o não ser do passado; o futuro será, mas ainda não existe. Como então medimos os tempos? Como podemos dizer que um tempo é mais longo que outro? Agostinhos nos diz:

Onde existe, portanto, o tempo que podemos chamar longo? Será o futuro? Mas deste tempo não dizemos que é longo, por que ainda não existe. Dizemos: “será longo”. E quando será? Se esse tempo ainda agora está por vir, nem então será longo, porque ainda não existe nele aquilo que seja capaz de ser longo. Suponhamos que ao menos o futuro será longo. (XI ,15, 20)

Mas esse tempo longo medido só começará a existir a partir do momento em que ele nasce desse futuro e se torna tempo presente, por que só então possuiria a capacidade de ser longo. Porém, como pode se dizer que o tempo presente é longo? Podemos então medi-lo? Segundo Agostinho, o presente: “voa tão rapidamente do futuro ao passado, que não tem nenhuma duração. Se a tivesse, dividir-se-ia em passado e futuro. Logo o tempo presente não tem nenhum espaço” (XI, 15, 20).

Para encontrarmos o tempo presente, ao que parece, teríamos que reduzi-lo a menor partícula e dizer que ali se encontra o tempo presente. Mas isso é possível? Existe um átomo temporal? Mesmo se houvesse, e esse é o ponto de Agostinho, esse átomo passaria tão rápido que não conseguiríamos medi-lo. Como exemplo, pensemos numa corrida de carros onde milésimos de segundos são importantes para determinar o vencedor, esses milésimos passam tão rapidamente que não conseguiríamos encontrar neles o presente.

Algo aparentemente estranho ocorre com essa análise, e Agostinho está ciente disso. Cotidianamente nós percebemos os intervalos de tempo, medimos o tempo em mais curto ou mais longo, e também os tempos passados e futuros. Mas, dada a análise, parece que fazemos algo que não pode ser feito. Como podemos medir algo

---

<sup>6</sup>Santo Agostinho estuda o problema do tempo em seu aspecto psicológico: como nós o apreendemos, diferente do aspecto ontológico; como é em si mesmo, no qual o tempo seria indivisível.

que não existe, ainda mais um tempo que está por vir, sendo que ainda não posso percebê-lo? Então teríamos que dizer que não podemos medir o tempo?

Se o futuro ainda não veio, o passado já não existe mais e no presente não teria como encontrar um ponto fixo, então seria plausível dizermos que podemos perceber e medir o tempo somente no momento de seu fluxo, levando-nos a concluir então que o tempo passado, presente e futuro é algo simultâneo? Essas complexidades que surgem dessa análise inicial de Agostinho estão também presentes em autores anteriores ao nosso filósofo. Segundo Puente, Aristóteles, no livro IX da Física, nos diz:

Aristóteles inicia sua explanação a respeito do tempo expondo aporias que vinham desde escritores anteriores a ele, dentre eles Górgias e Parmênides. Para eles, o tempo – uma vez que assim pensam sobre o ente – não o “é”, já que só o que existe é o presente (o passado e o futuro não são “alcançáveis”) e este mesmo se tornara um daqueles quase que simultaneamente. (PUENTE, 2001, p.125-126)

Segundo a visão de Aristóteles, não poderíamos medir o agora, pelo fato dele não ter um ponto fixo. Para que o agora pudesse ser medido ele não deveria estar no limite entre o passado e o futuro, pois ambos não possuem ser. Portanto, o agora não pode ser usado como parâmetro de medição. Para que isso ocorra o agora necessitaria de uma duração, mas se o agora possuísse uma duração deixaria de ser, sendo que o agora na questão da simultaneidade seria um problema, pelo fato de que se o agora fosse simultâneo não haveria tempos passados e tudo seria atual. Fatos que ocorreram há muito tempo ainda estariam presentes, como por exemplo, a revolução Francesa, o descobrimento do Brasil, e etc.

Podemos dizer que o agora, ou seja, o tempo presente, segundo Aristóteles, também não possui um ponto fixo. Isso está em concordância com o nosso filósofo em estudo, pois essa ideia também é de Agostinho. O tempo, assim, só poderia ser medido a partir do momento em que o percebo, não teria como dividi-lo no antes e no depois, sendo contínuo e indivisível. Uma continuidade não admitindo divisão, dado que o passado e o futuro não possuem ser, portanto não podem ser medidos no passado ou no futuro.

Ao concluir que o tempo, em um primeiro momento, não pode ser dividido ou medido e que é uma continuidade, Agostinho (XI,17,22) levanta mais uma questão: “existirá somente o presente, visto que os outros dois não existem?”. Será possível eliminarmos o passado e o futuro e estarmos imersos somente no presente? Agostinho inicia a ressignificação do passado e do futuro nos seguintes termos:

Onde é que os adivinhos viram as coisas futuras que vaticinaram, se elas ainda não existem? Efetivamente, não é possível ver o que não existe. E os que narram fatos passados, sem dúvida não os poderiam veridicamente contar, se os não vissem com a alma. (XI, 17, 22)

Quando Agostinho diz que os fatos narrados vêm da alma<sup>7</sup>, ele quer dizer que na alma se conservam o passado, o presente e o futuro. Como podemos adivinhar ou prever algo? Ou contar nossas histórias passadas? Podemos aceitar então a tríade, passado, presente e futuro, porém, para que estes termos façam pleno sentido, Agostinho formula uma análise psicológica que até nos dias de hoje é motivo de discussão. Segundo ele:

Se existem coisas futuras e passadas, quero saber onde elas estão. Se ainda o não posso compreender, sei, todavia, que em qualquer parte onde estiverem, aí não são futuras nem pretéritas, mas presentes. Pois, se também aí são futuras, ainda lá não estão; e, se nesse lugar são pretéritas, já lá não estão. Por conseguinte, em quaisquer que elas sejam, não podem existir senão no presente. Ainda que se narrem os acontecimentos verídicos já passados, a memória relata, não os próprios acontecimentos que já decorreram, mas sim as palavras concebidas pelas imagens daqueles fatos, os quais, ao passarem pelos sentidos gravaram no espírito uma espécie de vestígios. (XI, 18,23).

Podemos dizer que fatos que estão em nosso passado como, por exemplo, nossa infância que já não existe mais e que, portanto, já não é, quando a evoco em minha memória a vejo no tempo presente. E quanto ao futuro que ainda não existe, como faremos? Sempre quando pensamos em algo futuro fazemos uma premeditação das nossas ações futuras e essa premeditação está no tempo presente. Quando a ação se realizar não será mais futura e sim presente, mas eu já a tinha na minha alma, quando deliberei sobre ela. Porém, eu não posso antecipar uma ação sem antes eu a ter conhecido, como o próprio Agostinho diz:

Vejo a aurora e prognostico que o sol vai nascer. O que vejo é presente, o que anuncio é futuro. Não é o sol que é futuro, porque esse já existe, mas sim o seu nascimento, que ainda não se realizou. (XI, 18, 24)

Para dizermos que podemos fazer uma previsão das coisas futuras devemos conhecê-las antes, somente assim podemos trazê-las para a nossa consciência presente, através das coisas e dos objetos que já existem. O tempo, assim, está na memória e também na atenção e na espera. Nas palavras de Agostinho, o tempo é

---

<sup>7</sup> Há diversas terminologias para o termo “alma” na filosofia agostiniana. No que concerne a este texto, temos o conceito “alma” proveniente do latim: *anima- animus*, que designa princípio animador dos corpos como condição vital para os mesmos. Ao mesmo tempo, o *animus* empregado por Agostinho diz respeito a uma substância racional (cf. GILSON, 2006).

uma “distensão da alma”, sendo esta distensão algo contínuo entre memória, atenção e espera<sup>8</sup>.

Ao analisarmos o pensamento de Agostinho na questão do tempo e a sua medição temos até aqui a seguinte conclusão: o tempo não pode ser medido em si mesmo, por não haver, ontologicamente, tempos passados e futuros. Mas, segundo o filósofo, é correto dizer que em um sentido os tempos são três: “presente das coisas passadas, presente das presentes, presente das futuras” (XI, 20, 26). Podemos assim dizer que existem esses três tempos, porém eles se encontram em nossas mentes: “lembrança presente das coisas passadas, visão presente das coisas presentes e esperança presente das coisas futuras” (XI 20,26). O passado é presente quando lembramos dele. Posso dizer que o passado é uma reconstrução da memória operando no presente, reconstruindo experiências já ocorridas. O futuro é presente no sentido de que podemos pensar nele, nos momentos que o antecipamos mentalmente ou o projetamos.

Portanto, esses três tempos só existem para nós, esse tempo não é o tempo do mundo, mas é a temporalidade da alma. Agostinho propõe uma divisão, tempo do mundo e tempo da alma. O tempo do mundo é o tempo do relógio o tempo do calendário, é o tempo do deixar de ser. Já o tempo da alma é regido por uma lógica que não é ontológica. No tempo da alma<sup>9</sup> as coisas duram. Segundo Gilson:

A dificuldade não está somente em a eternidade nos escapar; o tempo, que nos domina, permanece uma realidade misteriosa para nós: toda sua substância refere-se ao instante indivisível que é o presente. Ora, o que é indivisível não poderia ser mais longo ou mais curto ou mesmo de um tempo que é o dobro de outro? (GILSON, 2006, p.366)

Sendo que faríamos a divisão dos tempos passado, presente e futuro em nossa mente, Agostinho novamente levanta mais um problema. Ele diz: “porém, que medimos nós senão o tempo nalgum espaço?” (XI,21,27). Em que espaço mediremos o tempo que está por vir e irá passar? Podemos medi-lo no futuro? Mas como poderíamos medir esse tempo do futuro se ele ainda não existe. Nem mesmo no presente instantâneo seria possível, por não possuir extensão. E no passado não seria possível pelo fato de já não existir. Para tentar solucionar esse problema Agostinho, irá analisar o tempo e movimento. Após essa digressão, voltaremos ao tempo enquanto uma distensão da alma. Seguimos aqui a sequência de discussão presente no Livro XI das Confissões.

<sup>8</sup> Agostinho quer fazer as distinções entre tempo astronômico, tempo metafísico e tempo psicológico, por isso conclui que o tempo é uma distensão da alma. Voltaremos a esse assunto no último tópico deste capítulo, seguindo a sequência de discussão do Livro XI das Confissões.

<sup>9</sup> A alma assim como o intelecto é ligada a vida, sendo um motor que move o homem.

## Tempo e movimento

Ao analisarmos o tempo e o movimento nos surgirá mais um problema. Agostinho discute a hipótese do tempo ser o movimento dos corpos. Porém, se o tempo é o movimento, teríamos que dizer que o movimento é a medida de si mesmo. Pois o tempo eu também mediria com o tempo e o movimento com o movimento. Isso parece estranho à primeira vista. Consideremos Gilson:

O movimento de um corpo é essencialmente seu deslocamento entre dois pontos situados no espaço; ora, esse deslocamento espacial permanece o mesmo, qualquer que seja o tempo gasto pelo corpo para efetuá-lo. (GILSON, 2006, p.366)

Agostinho representa o movimento usando os astros celestes: “Se os astros parassem e continuasse a mover a roda do oleiro, deixaria de haver tempo para medirmos as suas voltas?” (XI, 23, 29). Podemos ter a certeza que um dia de vinte e quatro horas equivale a uma volta do sol na terra? Mas e se esse sol parrasse? Segundo Gilson:

Ademais, se o corpo permanece imóvel no mesmo ponto, não há mais qualquer movimento, e, contudo, posso apreciar o tempo de sua imobilidade com uma exatidão mais ou menos rigorosa. Uma coisa é, portanto, o movimento que o tempo mede, outra coisa o tempo que o mede; o tempo não é o movimento dos corpos. (GILSON, 2006, p.366)

O nosso Santo Doutor ainda poderá chegar à conclusão de que o tempo não é o movimento dos corpos? Para nos responder essa questão Agostinho faz um comentário de um fato narrado no livro de Josué<sup>10</sup>, onde o sol é o protagonista. Josué estava em batalha e quando viu que a batalha iria perdurar por um longo tempo ele ora a Deus para que prolongasse o dia e assim o sol parou. Porém, o tempo continuou, fazendo de Josué um líder vitorioso. A narração bíblica serviria de exemplo para ilustrar o ponto de Agostinho. Através da oração de Josué o sol parou para que a batalha continuasse sob a luz do dia. O tempo não seria o movimento dos corpos celestes, pois mesmo com o Sol parado podemos medir outros movimentos ou o repouso.

Seguindo no capítulo XI das *Confissões* percebemos que a questão da medida do tempo continua. Pois se é com o tempo que eu meço o movimento, de qual forma eu poderia então medir o tempo? Seria com o tempo? Vejam que se um corpo permanecer totalmente imóvel ainda poderemos medir o tempo que se passa enquanto ele permanece imóvel:

---

<sup>10</sup> (Js 10,13)

Portanto, sendo diferentes o movimento do corpo e a medida da duração do movimento, quem não vê qual destas duas coisas se deve chamar tempo? Num corpo que umas vezes se move com diferente velocidade e outras vezes está parado, medimos não somente o seu movimento mas também o tempo que está parado. Dizemos “esteve tanto tempo parado como a andar”, ou “esteve parado o dobro ou o triplo do tempo em que esteve em movimento”, e assim por diante. Ainda no cálculo exato ou aproximativo, costuma dizer-se “mais” e “menos”. Portanto, o tempo não é o movimento dos corpos. (XI, 24, 31)

Portanto vimos aqui que Agostinho realmente chega à conclusão que o tempo não é o movimento dos corpos. Porém nosso filósofo vai além: sendo que não é possível medir o tempo com o movimento de qual forma o faremos? Nosso Santo Doutor irá discutir mais um problema, voltando, nos parágrafos finais do Livro XI, à discussão do tempo enquanto distensão da alma.

### **Tempo como distensão da alma**

Através dessas afirmações já discutidas, podemos concluir com nosso Santo Doutor que o tempo é, de certa forma, uma extensão, mas não uma extensão espacial. Agostinho para tratar do tempo ele usa o termo distensão, o tempo é um *distentio animi* (distensão da alma), onde minha consciência percebe passado, presente e futuro, e através da distensão adquiro uma extensão da qual podemos medir o tempo. Agostinho ainda com a problemática da medição do tempo nos diz:

Como posso eu medir o tempo? É com um espaço mais breve de tempo que calculamos outro mais longo, do mesmo modo que medimos o comprimento dum caibro com o côvado? Igualmente vemos que, pela duração duma sílaba breve, se ainda avalia a duma sílaba longa, e afirmamos que a duração duma é dupla da outra. (XI, 26, 33)

Mas de certa forma ao medirmos a duração das sílabas não estamos medindo o tempo de uma sílaba breve e de uma longa. Estaremos medindo o espaço e não os tempos de ambas, pelo fato de que eu posso citar um poema extenso em um curto espaço de tempo e também cito um poema curto em um longo espaço de tempo, assim, “pelo que, pareceu-me que o tempo não é outra coisa senão distensão” (XI, 26, 33).

Com efeito, medimos os tempos, mas não os que ainda não existem ou já passaram, nem os que não têm duração alguma, nem os que não tem limites. Não medimos, por conseguinte, os tempos futuros e nem passados, nem os presentes, nem os que estão passando. Contudo medimos os tempos! (XI, 27, 34)

Podemos então resumir o tempo a um instante indivisível. O presente são sensações do momento, aquilo que está acontecendo diante de nossa consciência. O futuro são as nossas esperanças, previsões, e em si mesmo não está sujeito a ser medido, pelo fato de ainda não existir. Assim como o passado, não está sujeito a nenhuma medida, mas existe na alma por meio da memória. Ao transferimos o tempo à alma como dito, é possível medi-lo. De acordo com Gilson:

O que deixou de ser em si, continua a existir na lembrança que guardamos disso; a impressão que as coisas transitórias deixam em nós sobrevive a essas coisas mesmas e, ao nos permitir compara-las, torna possível para nós uma certa medida dos intervalos delas. (GILSON, 2006, p.367)

Ao pensarmos o tempo conectado com a alma podemos dizer que é possível medi-lo. Como dissemos, no caso do passado ele já não existe mais em si, existe somente na memória. Essas memórias resistem a sua transitoriedade, estão em nossa lembrança, e assim podemos fazer comparações através dessas lembranças gravadas em nossa mente. Verificamos os intervalos que lhe sucedem, se são mais curtos ou mais longos, e isso nos possibilita medir o passado. Com o presente e o futuro as coisas se dariam de maneira similar. Graças à alma podemos medir as três categorias:

Meço a impressão que as coisas gravam em ti à sua passagem, impressão que permanece, ainda depois delas terem passado. Meço-a a ela enquanto é presente, e não aquelas coisas que se sucederam para a impressão ser produzida. É a essa impressão ou percepção que eu meço, quando meço os tempos. Portanto, ou esta impressão é os tempos ou eu não meço os tempos. (XI, 27,36)

O presente mesmo sendo indivisível é perceptível quando a atenção é colocada na consciência. Faço o mesmo com o futuro e com o passado, trazendo-os à minha alma, sendo o futuro através da espera e o passado através da lembrança. O presente em minha mente é o lugar onde se dá a passagem do que se espera e aquilo que se passou. Ao fim da análise podemos dizer que o tempo da alma adquire uma extensão e por fim pode ser medido. Nosso Santo Doutor diz:

Quem, por conseguinte, se atreve a negar que as coisas futuras ainda não existem? Não está já no espírito a expectativa das coisas futuras? Quem pode negar que as coisas pretéritas já não existem? Mas está ainda na alma a memória das coisas passadas. E quem contesta que o presente carece de espaço, por que passa num momento? Contudo a atenção perdura, e através dela continua a retirar-se o que era presente. Portanto, o futuro não é um tempo longo, por que ele não existe: o futuro longo apenas é a longa expectativa do futuro. Nem é longo o tempo passado por que não existe, mas o pretérito longo outra coisa não é senão a longa lembrança do passado. (XI, 28, 37)

Assim se passa com toda a vida do homem. Somos como que partes de uma sílaba ou de um verso nos quais ambos têm a sua existência fadada a contingência e fragmentação. Mas o homem, possuidor de uma alma assim percebe a sua história. Podemos dizer que a história é um fenômeno humano, pelo fato do homem possuir uma alma que o torna capaz de estar com a atenção no presente, com a expectativa do futuro e desfrutando das recordações do passado. A alma reúne todos esses momentos, comparados com uma música que vamos cantando: “quando mais o hino se aproxima do fim, tanto mais a memória se alonga e a expectativa se abrevia, até estar totalmente consumida, quando a ação, já toda acabada, passar inteiramente para o domínio da memória” (XI, 28, 38). O homem é capaz de fazer história, perceber a beleza do mundo e compreender os significados de várias coisas, através da percepção que tem e das lembranças que estão em sua memória. Recolhe os acontecimentos fazendo uma análise dos fatos. Podemos dizer que o homem usa essa percepção a todo instante de sua vida, percepção essa que Agostinho chama de distensão da alma.

Podemos então resumir o pensamento de Santo Agostinho que tratamos nesse capítulo sobre o problema do tempo. Iniciamos com a consideração do que é passado, presente e futuro. Nosso filósofo em estudo nos mostrou que só podemos perceber esses três tempos através da nossa mente e não em si mesmos. Sem a conexão com mente, passado, futuro e presente não existiriam, somente nossa mente percebe o tempo através de nossa alma. Ao analisarmos o “agora” concluímos que não existe um ponto fixo no qual possamos chama-lo de presente estável. Isso leva Agostinho a pensar nas possibilidades de medição do tempo. Agostinho faz também uma análise sobre o tempo e o movimento dos corpos, fazendo uma comparação com os movimentos celestes e chegando à conclusão que o tempo não é o movimento dos corpos. No final, seguindo a sequência da discussão exposta por Agostinho no livro XI das Confissões, voltamos ao tema do tempo enquanto uma distensão da alma. O homem pode buscar na alma lembranças e até mesmo ter esperanças futuras. Sua consciência o faz ver as coisas do mundo, sentir sensações que somente ele pode fazer através da sua mente temporal.

49

### **Conclusão**

O objetivo deste artigo foi discutir a teoria da criação e a teoria do tempo agostinianas, tais quais expostas no livro XI das Confissões. Para cumprir esse objetivo dividimos o texto em dois capítulos. No primeiro, discutimos a creatio ex nihilo, a criação a partir do nada. Vimos que Agostinho desenvolve sua exposição em resposta aos maniqueus, que sempre questionavam “o que fazia Deus antes de criar o céu e a terra?”. Isso, como vimos, problematiza a imutabilidade de Deus, questionando se surgiu nele algo novo, ou seja, algum movimento que o fez criar.

Também vimos que os maniqueus questionavam se Deus estando dentro da eternidade por que então nós, seres criados, não partilhamos da sua substância eterna. Em resposta aos maniqueus Agostinho, partindo do livro bíblico do Gênesis, o qual narra que no princípio Deus criou os céus e a terra, nos esclareceu o sentido de princípio na criação da realidade. Notamos que nosso Santo Doutor argumentou “Existem, pois, o céu e a terra. Em voz alta dizem-nos que foram criados, porque estão sujeitos a mudança e vicissitudes” (XI, 04, 06). A ideia, como vimos, é que tudo que se movimenta na realidade necessita de algo para fundamentar sua existência. Discorreremos sobre como Agostinho entendia a ideia de que, a partir do nada, Deus cria, ou seja, o que Deus usa para criar, que instrumento foi usado para a criação. Dessa forma vimos que Agostinho vai dando forma ao termo *ex nihilo*. Fizemos uma comparação com outras teorias da criação existentes na época, teorias idealistas, realista e emanentista. Agostinho nos mostrou que Deus não é um simples artesão humano, pelo fato de que o artesão humano já tem a matéria dada, similar a um demiurgo que trabalha com uma matéria pré-existente, sendo assim o homem não tem a capacidade de criar, pois tudo já estaria dado.

Ao criar, Deus cria também o espaço e o tempo, levando-nos a entender que ambos também são criaturas. Através dessa análise podemos aprender que Agostinho já começa a nos levar ao estudo do tempo, mas neste momento das *Confissões* não ainda de forma direta. Agostinho em sua investigação nos mostra que Deus cria todas as coisas através das suas palavras, palavras essas que não são transitórias e sim palavras que ecoam na eternidade, o verbo criador. Portanto aqui vimos que Deus ao falar fez com que as coisas passassem a existir.

Os maniqueístas acreditando em um dualismo partiam do pressuposto da eternidade da matéria e questionam o que Deus fazia antes de criar. Criando ele se movimentou, dizem eles, porém, como o imutável poderia se alterar? Se o fizer deixaria de ser perfeito e esse estado alteraria a sua onipotência? Agostinho, como discutido, quer preservar a imutabilidade de Deus, e argumenta que desde sempre a vontade de criar já estaria nele. Mas vimos que essa resposta inicial nos fez voltar à questão: por que então, se a vontade sempre esteve com ele, o mundo não é eterno? Além da imutabilidade divina, nosso Santo Doutor quer manter também a temporalidade da matéria e para isso argumentou que é incabível tentar buscar uma causa da própria causa. Pelo fato de Deus ser causa de si mesmo, não teve origem e não foi causado, seria implausível nos arremeter a Deus no sentido temporal, pelo fato de que o tempo também não exista. O termo “antes” não existe na eternidade, o tempo não existia antes da criação, assim como o céu e a terra e também o próprio espaço.

De fato, segundo Agostinho, o mundo não foi feito no tempo, mas junto com o tempo, e só dentro do tempo faz sentido os termos “antes” e “depois”. Diferente da eternidade, em que Deus está em uma exterioridade em relação ao tempo. Nosso

Santo Doutor nos mostrou que ao perguntar o que Deus fazia antes seria contraditório, pelo fato de antes nos arremeter ao passado, sendo que Deus não está no tempo. Agostinho quer por fim nessa questão pelo fato de Deus estar em um eterno presente inalterável, e a criação estar imersa na temporalidade. Passado, presente e futuro estão todos ligados a uma sucessão de instantes e na eternidade nada passa, tudo é presente.

A esse quem poderá prender e fixar, para que pare um momento e arremate um pouco do esplendor da eternidade perpetuamente imutável, para que veja como a eternidade é incomparável, se a confronta com o tempo, que nunca para? Compreenderá então que a duração do tempo não será longa, se não se compuser de muitos movimentos passageiros. Ora, estes não podem alongar-se simultaneamente. (XI, 11, 13)

No segundo capítulo tratamos da teoria do tempo. Partimos da investigação de se podemos realmente investigar o tempo, fazendo uma separação do tempo cotidiano, ou seja, aquele tempo do calendário e do relógio e o tempo da alma. Agostinho nos mostrou que tempo é aquele que necessariamente passa pela nossa percepção. Mas antes de chegar à conclusão de que o tempo está somente na nossa percepção, nós vimos o que é o tempo medido, onde Agostinho nos mostrou uma análise da medição do tempo. Podemos, no fim das contas, medir o tempo? No senso comum temos a noção de passado, presente e futuro e é através delas que fazemos nossas divisões e medidas. Porém, podemos mesmo dividir o tempo dessa forma? Agostinho resolve essa questão já nos chocando pelo fato de concluir que essas três divisões não existem em si mesmas, não passam de uma mera representação do tempo no mundo.

Quando Agostinho chega à questão do tempo da alma, vimos que esses três tempos podem sim ser medidos, mas para fazer essa análise mais profundamente, o filósofo nos mostrou que o tempo não é o movimento dos corpos. O movimento dos astros não influencia o tempo. Nosso Santo Doutor ilustra suas ideias com uma passagem bíblica para nos mostrar que esse movimento não interfere no tempo. Através de uma passagem das Escrituras onde encontramos no livro de Josué, onde se narra a famosa batalha onde Josué através de uma oração, faz com que Deus pare o sol para que a batalha prossiga. Através dessa análise, Agostinho concluiu que o tempo não é o movimento dos corpos.

Vimos que o tempo é uma *distensão da alma* e que passado, presente e futuro estão em nossas mentes. Em si mesmos, o passado não existe mais, o futuro ainda não chegou, e o presente não pode ser apreendido, pois passa muito rapidamente, sendo que não podemos capturar um ponto fixo do presente. Agostinho nos mostrou, porém, que podemos fazer essa medição na nossa mente, partindo da ideia de que se eu penso em algo passado estou trazendo uma memória para o tempo

presente. Também no caso do futuro, ao fazermos uma deliberação ou prognóstico, trazemos ele para o nosso presente: “Existem, pois, estes três tempos na minha mente que não vejo em outra parte” (XI, 20, 26). Podemos medir o tempo em nossas mentes, e as três divisões de tempo ficarão assim, passado presentificado, presente presentificado e futuro presentificado.

Ao finalizarmos essa conclusão notamos como o pensamento de Santo Agostinho é atual, levando-nos a refletirmos de uma forma simples a uma forma científica e filosófica.

### Referências

AGOSTINHO. *Comentário literal ao Gênesis - Sobre o Gênesis, Contra os maniqueus - Comentário Literal ao Genesis (inacabado)*. Trad. Augustinho Belmonte. (Coleção Patrística, n 21). São Paulo: Paulus, 2005.

\_\_\_\_\_. *Confissões*. 9ed. Trad. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

COSTA, M. R. N. “Tempo e eternidade em Santo Agostinho”, in: *Revista Mirabilia*. Jun-Dez 2010, p.136-155.

GILSON, E. *Introdução ao Estudo de Santo Agostinho*. Trad. Cristiane Negreiros Abbdud Ayoud. São Paulo: Paulus, 2006.

PUENTE, F. R. *Os sentidos do tempo em Aristóteles*. São Paulo: Loyola, 2001.

REALE, Gi; ANTISERI, D. *Historia da Filosofia: Patrística e Escolastica*. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2003.

Submissão: 14. 07. 2020 / Aceite: 15. 10. 2020